

Família e trabalho: dramas e expectativas

No curso da interação, as entrevistadas apresentaram alguns valores interpretados como relevantes para elas e constitutivos de suas identidades. Valores como a família e a educação institucional foram construídos atrelados e indissociáveis das suas trajetórias de trabalho. Tais valores ora funcionaram como justificativas para suas realidades, ora como uma questão afetiva.

A relação dos pobres com a família está para além do simbolismo de uma instituição civil. Conforme, Sarti (2003) é na comunidade familiar que o indivíduo pobre constitui-se como cidadão no mundo, construindo suas identidades sociais e compreendendo as relações com esse mundo.

Ainda conforme a autora, interligada à atividade remunerada, é na família que ele encontra forças para enfrentar a rotina do subemprego árduo e humilhante, com o objetivo de sustentar os seus. Assim, o papel de provedor é que torna o emprego importante, digno e honrado, independente da hierarquia social, pois a importância moral enredada na comunidade familiar se sobrepõe à ordem dos códigos sociais.

A relação entre pais e filhos é notoriamente a mais forte em comparação aos demais graus de parentesco. Nas famílias pobres, muitas vezes, os sonhos individuais dos pais são suprimidos em favor de possíveis realizações dos filhos. Nesse sentido, de acordo com Sarti (2003) ambos depositam no outro suas expectativas: os pais depositam seus sonhos nos filhos (como, por exemplo, a ascensão social através da educação), ou ainda esperam retribuição pelos sacrifícios realizados; já os filhos esperam dos pais demonstração de afeto, carinho e dedicação.

Devido à tamanha importância da família, no grupo estudado, é plausível que qualquer ruptura ou instabilidade resulte em dramas e quebra dessas expectativas, que repercutem na vida social de uma pessoa.

Assim, seguindo o critério narrativo-temático proposto neste trabalho, para análise detalhada, foram escolhidos sete episódios narrativos (numerados de 1 a 7), que privilegiam a percepção dos valores apresentados. Os episódios foram

nomeados de *sequência*, por nem sempre configurarem uma narrativa canônica, mas por conterem alguns elementos analisáveis sob o olhar narrativo (Bastos, 2012).

O capítulo está organizado a partir do eixo temático intitulado *Família e trabalho: dramas e expectativas*, (5), no qual duas seções foram estruturadas para abarcar os temas relacionados. Na primeira seção, *Ausência dos pais: construções de sofrimento*, (5.1), serão analisados três trechos nos quais as narradoras narram suas experiências de vida baseadas na ausência das figuras materna e paterna, enfatizando seu sofrimento em virtude dessa ausência e atrelando a isso seus dramas pessoais e de trabalho como consequência dessa carência. Já na segunda seção, *Maternidade e trabalho: sacrifícios e a esperança de uma vida melhor*, (5.2.), o foco da análise reside nas construções identitárias de mãe e de trabalhadora e nos valores que surgem dessa relação, a partir dos recursos avaliativos utilizados. Nesta última então foi necessário fazer uma subdivisão entre dois temas para que a organização ficasse mais adequada: *Gravidez e mudança de vida* (5.2.1.) e *A força da mãe provedora* (5.2.2.). Na primeira subseção, privilegiei a experiência da gravidez, as mudanças na vida e os sacrifícios decorrentes da gestação em relação ao trabalho e à escola, já na segunda subseção, os trechos apresentam construções da identidade de mãe provedora e que, hipoteticamente, narra a esperança de um futuro melhor para seus filhos.

O título do capítulo, *Família e trabalho: dramas e expectativas*, está sendo considerado um termo guarda-chuva para os diversos valores e sentidos construídos na interação e, principalmente, pela característica indissociável de alguns deles. O que poderá ser percebido na análise a seguir.

5.1. Ausência dos pais: construções de sofrimento

A primeira sequência escolhida é o episódio narrativo construído por Marta, que narra uma série de acontecimentos e suas consequências negativas em sua vida, apresentados por ela como decorrências da ausência de seus pais na sua criação.

Sequência 1: “Nós somos filhos de vó”

- 50 Luane e como é que era a relação com os seus pais, como que é a
51 relação com seus pais, seus familiares, na época que você
52 começou a trabalhar? qual era a profissão dos seus pais?
- 53 Marta bom, meu pai não tinha nenhuma profissão ele morreu quando
54 eu era pequena, eu acho que eu tinha, acho basicamente uns três
55 anos, eu acho, porque eu não me recordo muito dele, sabe, e:: a
1 minha mãe ela sempre foi doméstica, sempre trabalhou fora,
2 trabalhava para dormir, aí:: ela teve uma época da vida dela
3 que, quando meu pai morreu teve que também sair para
4 trabalhar, aí ela pegô e deixô: eu e meus dois, meus três irmãos,
5 não, meus dois irmãos com a minha avó, nós somos filhos de
6 vó, entendeu, porque: basicamente foi ela que criou a gente, a
7 partir daí ela também ficava em casa. minha tia tinha uma outra
8 profissão que era:, ela trabalhava na feira, assim, não tinha
9 profissão só trabalhava na feira e não fazia mais nada, foi
10 totalmente, assim, criado filhinho de vó sem muita orientação,
11 eu acho que é mais importantes, porque se você tem uma pessoa
12 para ficar, assim eu não critico a minha mãe, ela teve que sair
13 para correr atrás do que era nosso, entendeu, mas se fosse o
14 destino do meu pai, se fosse diferente é claro que o nosso
15 também seria diferente. porque, gente faz muita falta. têm
16 pessoas que fala assim, “ah, porque eu vou ter o meu filho e vou
17 dá” nossa é horrível, porque:: e têm pessoas que também falam
18 assim “ah, eu não gosto da minha mãe, não gosto do meu pai
19 ()” mas é melhor ter eles do lado do que não ter, porque é
20 ruim você acaba sendo adulto sem ser adulto, sabe, não ter uma
21 pessoa do seu lado para te orientar, é você ser adulto e você não
22 ter noção do que é ser adulto,
- 23 Luane humhum
- 24 Marta porque antes eu pensava que... casa, marido, filhos, era simples,
25 por quê? minha mãe nunca () ah, minha filha, porque se você
26 se perder você usa camisinha ou então você vai lá, toma um
27 remédio, sabe ela não tinha tempo para falar essas coisas
28 comigo, quando ela viu que eu já tinha ... eu já estava grávida,

- 29 quer dizer, ela não sabia que a filha dela já pensava nessas
 30 coisas, entendeu, era uma coisa, era uma coisa para ela,
 31 totalmente inesperada, porque, quando ela pode me levar para
 32 casa, eu já tava já em () sabe, tadinha da minha mãe ela levou
 33 um susto.
 34 Luane humhum
 35 Marta quando, na época que eu engravidei, ela tinha ido para itália, ela
 36 conseguiu uma patroa e essa patroa gostava muito dela e a: filha
 37 dela teve um nenê, então ela só acreditava na minha mãe, sabe,
 38 só pensava na minha mãe para tomar conta do neto dela aí,
 39 minha mãe foi para lá para itália, aí eu peguei e fiquei, pronto
 40 acabou, assim desbestô tudo, desbestô tudo na minha cabeça
 41 tudo tudo tudo()orientação, aí foi quando aconteceu...

A sequência narrativa de Marta não pode ser configurada estruturalmente como canônica. Contudo, com olhar narrativo (Bastos, 2012) podemos perceber que ela remete a uma experiência passada que corrobora para compreensão dos sentidos e valores coconstruídos na interação, especificamente no que tange à relação familiar e ao trabalho.

Neste episódio, estamos conversando sobre a relação da entrevistada com seus familiares. Buscava que ela me narrasse principalmente a opinião de seus pais quando ela começou a trabalhar como auxiliar de serviços gerais (informação dada no curso da entrevista e sintetizada na seção 4.2). Motivada por minhas indagações, Marta produz uma sequência de orações que orienta, avalia e apresenta resolução (linhas 53-10) sobre o trabalho das pessoas que ela torna relevante (pai, mãe e tia) e sobre sua história de vida, além de introduzir de forma avaliativa seu drama familiar (*nós somos filhos de vó* - linha 5 e 6); a ausência de seus pais. Fato construído como determinante para sua situação atual, ratificado pela seguinte avaliação externa, (*mas se fosse o destino do meu pai, se fosse diferente é claro que o nosso também seria diferente* - linha 13-15). Seu pai faleceu quando a mesma tinha aproximadamente três anos (*ele morreu quando eu era pequena, eu acho que eu tinha, acho basicamente uns três anos, eu acho* - linhas 53-55), com isso sua mãe deixou a responsabilidade da criação dos filhos com a avó para poder intensificar sua jornada de trabalho e assim (segundo Marta) ter mais recursos financeiros para o sustento dos filhos (*ela teve uma época da vida dela que, quando meu pai morreu teve que também sair para trabalhar, aí*

ela pegou e deixou: eu e meus dois, meus três irmãos, não, meus dois irmãos com a minha avó - linhas 2-5).

A ausência de seus pais é construída como uma carência que gerou marcas com consequências irreparáveis na sua vida pessoal e profissional (*gente faz muita falta - linha 15*). Marta insere na sequência narrativa falas relatadas, um mecanismo de avaliação externa que confere veracidade ao evento relatado, além de evidenciar o envolvimento e o engajamento performático do narrador durante a interação. Ela recorreu ao uso de citações em primeira pessoa representando a fala de terceiras que não dão importância às relações com os filhos ou com os pais (*“ah, porque eu vou ter o meu filho e vou dá” nossa é horrível, porque:: e têm pessoas que também fala assim “ah, eu não gosto da minha mãe, não gosto do meu pai ()” - linhas 17-19*). Interpreto que tal manobra enfatiza e dá crédito à sua fala sobre o quanto a figura dos pais é crucial na criação e no futuro dos filhos. O que é reforçado pelas orações avaliativas seguintes (*mas é melhor ter eles do lado do que não ter, porque é ruim você acaba sendo adulto sem ser adulto, sabe, não ter uma pessoa do seu lado para te orientar, é você ser adulto e você não ter noção do que é ser adulto - linhas 19-22*). A experiência de vida de Marta é construída por ela com fatos negativos que justificam para seu passado e presente (pessoal e profissional), sendo a morte do pai e o trabalho da mãe os mais significativos. A criação dada pela avó, em seu relato, não supriu suas necessidades para se constituir como mulher adulta apta a lidar com as diversidades e dificuldades do mundo social. Sua experiência pessoal, considerada sem orientação adequada, é exemplificada e justificada no seu pensamento em relação à construção de uma comunidade familiar e métodos contraceptivos (*porque antes eu pensava que... casa, marido, filhos, era simples, por quê? minha mãe nu:nca () “ah, minha filha, porque se você se perder você usa camisinha ou então você vai lá, toma um remédio” - linhas 24-27*).

Até então, em seu relato, a entrevistada justifica sua situação atual pelas atitudes de outrem, consideradas por ela como negativas, construindo-se como alguém pouco agentiva e passível de viver as consequências das circunstâncias. No trecho antes mencionado, a narradora utiliza mais uma vez a fala reportada como mecanismo de avaliação, desta vez construindo um diálogo hipotético de sua mãe instruindo-a quanto a sua atividade sexual. Para Marta isso justifica sua gravidez não planejada, aliado ao fato de sua mãe, que já era distante, aceitar uma

proposta de trabalho em outro país (*na época que eu engravidei, ela tinha ido para itália* – linha 35). A importância desse fato em sua vida é construída negativamente em sua fala nas linhas seguintes com algumas marcas que intensificam a avaliação, tais como, repetições das palavras *desbestô* - correlato de desembestou, ou seja, endoidou¹⁹ - e *tudo*, totalidade (*desbestô tudo, desbestô tudo e tudo tudo tudo* linhas – 40 e 41). Ao unir esses vocábulos e utilizá-los repetidamente, Marta constrói-se como alguém que no momento do evento narrado não estava agindo conscientemente e por isso ela engravidou (*minha mãe foi para lá para itália, ai eu peguei e fiquei, pronto acabou, assim desbestou tudo, desbestou tudo na minha cabeça tudo tudo tudo() orientação, aí foi quando aconteceu...* -linha 39-41).

A importância do núcleo familiar como referência simbólica nas construções das identidades sociais e na explicação do mundo (Sarti, 2003) é valorizada por Marta e o sentimento de pesar pela ausência das figuras materna e paterna é recorrente em seu relato nas orações avaliativas e também justificam a declaração de seu despreparo para a vida adulta.

De acordo com o arcabouço teórico apresentado neste estudo, é característico da classe trabalhadora pobre que nos casos de instabilidade familiar os membros que pertencem à relação familiar assumem a responsabilidade da criação das crianças. Assim, diante da viuvez da mãe de Marta, a avó cria seus netos. No entanto, a criação dada pela avó é avaliada como insuficiente para suprir as necessidades de Marta para a construção e explicação do mundo, resultando, segundo ela, na gravidez precoce e não planejada.

Sua posição em relação à doação dos filhos como *horrí:vel* (linha 17) também condiz como pensamento dos pobres, que condenam tal atitude, mas a toleram, conforme Sarti (2003), em detrimento ao aborto. Na fala de Marta podemos perceber que ela se constrói como alguém que cometeu um erro: engravidou sem ter planejado (*se perdeu*), mas assumiu o filho e trabalha para sustentá-lo e assim, se redime diante de sua classe por ter engravidado antes do casamento.

A sequência abaixo dialoga com o episódio narrativo analisado no que diz respeito à temática. A próxima narradora, Ellen, narra seu drama familiar a partir

¹⁹ Definição segundo Dicionário Informal on line. Acesso em 23 de dezembro de 2014. <http://www.dicionarioinformal.com.br/desembestar/>

de minhas perguntas. Também tem uma experiência de vida com ausência dos pais, foi criada pelo avô e engravidou antes do casamento.

Sequência 2: “quando eu nasci minha mãe não me quis”

- 37 Luane e por que você começou a trabalhar como doméstica aos
38 dezesseis anos?
- 39 Ellen eu trabalhei porque assim eu:: sempre fui criada com meu avô.
40 porque quando eu nasci minha mãe não me quis, minha mãe
41 pegô: não tinha condição >isso acontece também me pegô
42 entregô< foi melhor ela entrega meu avô do que entrega pra
43 um estranho aí pegô pediu meu avô pra cria ao meu avô ficô
44 comigo aí meu avô também não tinha muita condição, aí eu
45 achei melhor, meu avô já era velhinho já, já tinha feito tudo
46 que tinha que fazer, hh
- 47 Luane hh
- 48 Ellen aí eu falei “não” pensei “ ah vou arrumar um serviço” e meu
49 primeiro serviço foi esse aí fiquei nesse serviço aí sabe né
50 namo:ra daqui aí fu:i peguei barriga. uma vez esqueci o
51 remédio, né? não tomei, como sempre acontece hh
- 52 Luane hh
- 53 Ellen hh acontece com todo mundo hh quem dissé pra mim que não
54 acontece, é difícil você sabe que acontece hh

No momento em que esse trecho foi construído, conversávamos sobre a trajetória de trabalho da entrevistada. O fato de Ellen iniciar sua atividade empregatícia aos dezesseis anos chama minha atenção, sua narrativa é motivada então por minha indagação (*e por que você começou a trabalhar como doméstica aos dezesseis anos?* linhas 37-38). Nas linhas 39-50, ela organiza sua fala em uma sequência temporal ao apresentar alguns momentos construídos a partir da experiência do drama (*porque quando eu nasci minha mãe não me quis; minha mãe pegô: não tinha condição >isso acontece também me pegô entregô ; “meu avô fico comigo aí meu avô; meu avô já era velhinho; ah vou arrumar um serviço; aí sabe né namo:ra ; daqui aí fu:i peguei barriga*). O turno é iniciado com a utilização de uma estrutura alinhada à minha indagação com a presença do *porque* (linha 39), sugerindo a intencionalidade de responder justificando seu primeiro emprego aos dezesseis anos. Na sequência, ela utiliza um alongamento significativo em *eu::* (linha 39), interpreto esse recurso como um indício de que sua fala está mais monitorada em relação ao que quer parecer ser para mim. A entrevistada, então, se constrói com a identidade de filha abandonada (*sempre fui*

criada com meu avô. porque quando eu nasci minha mãe não me quis – linhas 39-40). No entanto, nas linhas seguintes, pode-se perceber uma confusão na descrição da atitude de abandono de sua mãe, ora por não querer ficar com ela, exemplificado nas linhas acima, ora por não poder (*minha mãe pego: não tinha condição >isso acontece também me pegô entregô<* - linhas 40-42).

Nesse episódio, reinterpreto o que linhas acima chamei de confusão, na construção do relato descritivo sobre a atitude de sua mãe, como reparos na construção identitária. As duas situações (doação e abandono) são reprováveis socialmente; entretanto, a imagem do abandono é mais forte para esse início de interação, além de ser pouco tolerável na moral dos pobres, de acordo com Sarti (2003). Atribuo minha interpretação à avaliação feita por Ellen na sequência, justificando a atitude de sua mãe pela falta de condição financeira, o que reduz a culpa da mãe por ela enfrentar uma situação passível de acontecer às camadas menos abastadas da população. A entrevistada ainda avalia positivamente a mãe por ter deixado sua criação aos cuidados de seu avô, alguém da família, e não de alguém desconhecido e talvez sem nenhuma obrigação moral de cuidar dela (*foi melhor ela entregá meu avô do que entregá pra um estranho* – linhas 42-43). Ellen é uma narradora habilidosa: é perceptível em sua fala recursos que sugerem um investimento performático identitário que envolvem seu interlocutor. O uso de alongamentos, alterações de prosódia e ritmo de fala nas sequências analisadas, é um bom exemplo.

Após explicação do motivo de ter sido criada por seu avô, Ellen retorna diretamente ao ponto da narrativa e justifica sua precoce imersão no mercado de trabalho pelo fato de seu avô já ter idade avançada e não possuir condições financeiras (*meu avô ficô comigo aí meu avô também não tinha muita condição, aí eu achei melhor, meu avô já era velhinho já, já tinha feito tudo que tinha que fazer, hh* – 43-46).

Na linha 48, a entrevistada utiliza a fala reportada para expressar seu pensamento em relação ao primeiro emprego, sugerindo algo optativo e planejado (*aí eu falei não pensei “ah vou arrumar um serviço”*). Conforme visto em Sarti (2003), é esperado que os filhos retribuam seus pais pela criação e pelos possíveis sacrifícios feitos; assim sendo, a narradora se constrói como alguém consciente e que através do trabalho pode retribuir ao avô, que assumiu o papel de mãe e pai (a figura paterna não é mencionada durante a entrevista) na criação da entrevistada.

Para Ellen a gravidez não planejada se dá pelo esquecimento de tomar o *remédio*, ou seja, a pílula anticoncepcional. Diferente de Marta, não está atribuída à criação do avô, tão pouco a um possível déficit de orientação acerca do mundo social, mas sim a sua irresponsabilidade. Mas ela não constrói sua atitude negativamente, pelo contrário, justifica avaliando que o esquecimento *sempre acontece hh* (linha 5). Com base na interação e no uso de seus recursos performático e avaliativos, interpreto a ênfase na letra *a* (em acontece) e os risos (hh) no final como uma tentativa de construir através do humor uma situação que aconteceu com ela e que é passível de acontecer com todas as mulheres que optaram pelo uso da pílula anticoncepcional e que em relação a isso ela nada poderia fazer e conseqüentemente ser recriminada. Uma vez que na moral dos pobres, de acordo com os estudos de Sarti (2003), a gravidez não planejada antes do casamento é um fator negativo para a mulher e gera um transtorno para toda comunidade familiar, principalmente na adolescência. No entanto, como mencionado anteriormente, Ellen, constrói o tema com humor (iniciado e finalizado com risos), como algo leve, comum, irremediável e sem problemas. O que é ratificado em sua fala seguinte (*hh acontece com todo mundo hh quem dissé pra mim que não acontece, é difícil você sabe que acontece hh* - linhas 53-54). Essas construções sugerem que Ellen recorre às características descritas acima para lidar com a visão negativa.

Na próxima sequência continuo com a análise da fala de Ellen em relação ao seu drama familiar. Ela narra seu sofrimento por ter sido abandonada pela mãe e a define como ausente, pois mesmo quando esteve presente, não correspondia as suas expectativas de tratamento e afeto de uma mãe.

Sequência 3: “porque existe mãe existe meia mãe”

- | | | |
|----|-------|---|
| 11 | Ellen | não a criança não a criança não tem não. mas a criança fica é |
| 12 | | criada pela avó mas sofre porque não é a mesma coisa um |
| 13 | | °carinho de uma mãe° |
| 14 | Luane | é depende da mãe também né |
| 15 | Ellen | [é = |
| 16 | Luane | [depende] da mãe |
| 17 | Ellen | = porque existe <u>mãe</u> existe meia mãe |
| 18 | Luane | meia mãe hh |
| 19 | Ellen | é tem isso não sei se você já escutou |
| 20 | Luane | nunca |

- 21 Ellen existe mãe e existe meia mãe. mãe é aquela que cuida, é aquela
 22 que briga, é aquela que cobra, é aquela que tá ali, que tá vendo,
 23 mãe é <aquela que filho fala assim::> ... vamo ver assim:: ...
 24 tipo assim eu falei pra minha mãe minha mãe falou uma palavra
 25 pra mim há quinze anos atrás minha mãe tá com quarenta anos
 26 minha mãe falou pra mim que eu não esqueço dessa palavra e
 27 não vou esquecer nunca, ela falou assim “oh depois que você
 28 sair daquela porta ... não volta ... esquece que eu sou sua mãe”...
 29 hoje eu tô com vinte e quatro ... vou fazer vinte e cinco anos.
 30 então essa é a meia mãe... porque depois que eu sai da casa da
 31 minha mãe eu fiquei oh eu morei na ru:a, morei debaixo da
 32 ponte, fui humiLHAda quase morri ↑
- 33 Luane quase morreu?
- 34 Ellen quase morri, quase tentaram me matar já tentei ser ((alteração na
 35 voz por refluxo) estuprada, mas to aí ((ellen bate com o punho
 36 na mesa)) nada. me abala ((ellen bate com o punho na mesa))
 37 então eu falo pra eu peço eu peço todo dia pra deus eu não
 38 quero que as minhas filhas sofram não quero que elas cheguem
 39 nem a metade do que eu sofro até hoje porque eu sofro não vou
 40 dizer pra você que eu não sofro eu sofro, muito hoje mas eu
 41 tento fazer o máximo porque, tipo assim, ficar na casa dos
 42 outros não é fácil é muita humilhação, entendeu?

O trecho apresentado segue-se ao relato da história de sua tia que morreu com AIDS e deixou uma filha pequena para ser criada. Ellen inicia sua fala respondendo minha pergunta se a criança era soro positivo da doença. Considero importante incluir esse relato aqui, pois a narradora equipara o sofrimento de não ser criada pela mãe à doença (*não a criança não a criança não tem não. mas a criança fica é criada pela avó, mas sofre porque não é a mesma coisa um °carinho de uma mãe°* - linhas 11-13). O uso da palavra *mas* sugere o raciocínio de que a criança não tem AIDS, porém sofre tanto quanto por não ter a mãe para criá-la.

Outro ponto importante nesse trecho é a repetição do drama familiar. Por motivos diferentes, Ellen também foi criada por alguém da segunda geração antecedente, como já mencionado, pelo seu avô. Avaliando a situação do outro, de sua prima, ela também revela sobre si, construindo-se como alguém que sofreu em sua infância por não ter crescido recebendo o carinho de sua mãe, (*mas a criança fica é criada pela avó mas sofre porque não é a mesma coisa um °carinho de uma mãe°* - linhas 11-13).

Assumindo a perspectiva contemporânea de entrevista e meu papel de participante na interação, e assim colaborativa na construção de sentido, comento

sua fala relativizando o papel da mãe no paralelo antes descrito (ausência da mãe igual a uma doença, no caso a AIDS), (*é depende da mãe também né* - linha 14). Minha fala motiva Ellen a tecer comentários sobre os tipos de mães, utilizando narrativas não canônicas para definir esses tipos e narrar sua experiência de vida dramática.

Ela define que existem dois tipos de mães: *existe mãe e existe meia mãe* (linha 21) e a partir disso constrói seu ideal de mãe como sendo *aquela que cuida, é aquela que briga, é aquela que cobra, é aquela que tá ali, que tá vendo, mãe é <aquela que filho fala assim::> ... vamo ver assim:: ...* (linhas 21-24). De acordo com a contribuição de Bamberg & Georgakopoulou (2008), interpreto a sequência de orações no presente, como uma *Small Story* que define um conceito relevante para a entrevistada e constitui parte do episódio narrativo seguinte. Nas últimas duas frases (*<aquela que filho fala assim::> ... vamo ver assim:: ...*) percebo que Ellen volta a utilizar frases confusas, rápidas, pausas, alongamentos, que sugerem maior monitoração de suas falas, com constantes reparos até encontrar a maneira que considera mais apropriada para narrar sua história de vida para mim.

Nas linhas 23-25, ajustando sua fala, a entrevistada nos orienta em relação ao tempo e aos personagens de seu drama: *tipo assim eu falei pra minha mãe minha mãe falou uma palavra pra mim há quinze anos atrás minha mãe tá com quarenta anos minha mãe falou pra mim*. Há muitos anos atrás sua mãe lhe proferiu frases duras e marcantes que ela jamais vai esquecer. Justifico minha afirmação pela dificuldade em organizar a fala e pela repetição do verbo no presente e no futuro (*que eu não esqueço dessa palavra e não vou esquecer nunca*, – linhas 26 -27). Ellen foi expulsa de casa e avalia a atitude da mãe trazendo à interação uma fala reportada, de sua mãe (*ela falou assim “oh depois que você sair daquela porta ... não volta ... esquece que eu sou sua mãe”* – linhas 27-28). A narradora não torna relevante informar se houve algum motivo para a mãe tratá-la dessa forma, apenas utiliza-se de exemplos para dar credibilidade a sua tese de que sua mãe não configura seu ideal de maternidade e sim o papel de uma mãe dura, que maltrata, magoa, abandona, expulsa etc. (*então essa é a meia mãe...* - linha 29).

Nessa fase de sua vida, Ellen era uma criança²⁰, depois de ter sido expulsa de casa, ela vai morar na rua e, com isso, passa por muitas dificuldades. Ellen continua a narrativa para explicitar as dificuldades que passou na rua utilizando a palavra *porque* (linha 30). Considero que a escolha desse vocábulo tenha função de reforçar que a mãe dela é uma *meia-mãe*, alguém que a abandona, culpada por tudo de ruim que ela passou, (*porque depois que eu sai da casa da minha mãe eu fiquei oh eu morei na ru:a, morei debaixo da ponte, fui humiLHAda quase morri*↑ - linhas 29-31). Como já mencionado, Ellen é uma narradora habilidosa que atua muito bem no palco da vida e consegue atrair a atenção e comoção de seu público. São utilizados por ela elementos internos avaliativos intensificadores tais como ênfases: *ponte*, *humiLHAda*, *morri*↑, alongamentos: *ru:a*; pausas. Todos esses eventos difíceis são narrados em sequência, seguindo uma ordem de gravidade estipulada pela entrevistada. Tal afirmação é observável no emprego das ênfases, crescentes conforme a gravidade dos fatos, no qual a situação de quase morte recebe maior ênfase e, conseqüentemente, maior destaque.

Ellen apresenta semelhante habilidade discursiva e performática tanto ao “atuar” (Goffman, 1974) narrando os dramas de sua vida, como também ao construir-se como exemplo de superação. Todos os eventos de perigo narrados que Ellen diz ter passado, mesmo em construções confusas e contraditórias em relação aos verbos e tempos verbais escolhidos, corroboram para que ela possa mostra-se como alguém inabalável (*quase morri, quase tentaram me matar já tentei ser ((alteração na voz por refluxo)) estuprada, mas to aí ((ellen bate com o punho na mesa)) nada. me abala ((ellen bate com o punho na mesa))* – linhas 34-36). O gesto é algo muito concreto e confere maior dramatização à narração e veracidade ao evento narrado. Conforme descrito, Ellen combina sua fala (*nada. me abala*) ao movimento de bater o punho contra uma mesa. Durante a interação essa performance avaliativa é muito forte, com isso ratifica e intensifica a construção da identidade de filha abandonada e mulher vencedora.

Nas três sequências apresentadas, a ausência de um dos pais (ou ambos) durante uma fase da vida (ou por toda ela) é construída com marcas que revelam o

²⁰ A entrevistada não diz a idade exata, mas dá informações para que o interlocutor faça inferências sobre sua faixa etária utilizando as informações da orientação nas linhas 25 e 26 (*há quinze anos atrás*) e com a resolução nas linhas (... *hoje eu tô com vinte e quatro ... vou fazer vinte e cinco anos.*).

sofrimento dessas mulheres. Alguns fatos passados, como a morte do pai e/ou a ausência/abandono da mãe, são apresentados como determinantes para alguns dos dramas por elas vividos e pela condição atual de suas vidas. A maternidade aparece em todos os episódios narrativos analisados, ocupando um lugar de destaque na fala das entrevistadas; por isso, considero importante dedicar um espaço maior para a identidade social de mãe, na tentativa de compreender as representações e os valores construídos na interação.

Na próxima seção apresentarei quatro sequências que ressaltam a relação das entrevistadas enquanto mães com seus filhos e seus trabalhos.

5.2.

Maternidade: sacrifícios e esperança de uma vida melhor

As tarefas desempenhadas no trabalho das mulheres que entrevistei são árduas e difíceis, além de serem consideradas por elas e pela sociedade como inferiores. Durante a interação, as construções identitárias positivas somente são percebidas quando a maternidade é o ponto. Nesta seção tenho como objetivo identificar em quais momentos essas construções acontecem e quais são os sentidos e valores que surgem em relação à Gravidez (abaixo) e ao papel exercido como Mãe provedora (5.2.1).

5.2.1.

Gravidez e mudança de vida

Nesta seção, identifico episódios narrativos nos quais as mães, já no período gestacional, se sacrificam em prol de seus filhos. Na primeira sequência desta subseção, vemos como Marta utiliza o fato de ter engravidado como algo determinante para seu abandono aos estudos e, conseqüentemente, para sua primeira atividade empregatícia ser *na limpeza*.

Sequência 4: “parei de estudar porque eu engravidei com dezesseis anos”

- p.¹ 25 Luane e:: como foi o seu primeiro emprego, como você se sentiu,
 26 foi difícil?
 27 Marta ah foi mu::ito difícil ... foi assim porque eu tive que procurar
 28 limpeza porque eu parei os estudos, parei de estudar porque
 29 eu engravidei com dezesseis anos
 30 Luane com dezesseis anos você estava em qual série
 31 Marta ah com dezesseis anos ... eu tava ... na quarta serie hh e
 32 continuei na quarta haha
 33 Luane ai teve que parar por [causa]
 34 Marta [tive] que parar
 35 Luane e... na quarta serie, né, só deu para conseguir ... emprego
 36 Marta aquela coisa bem básica, tipo você sabe ler, você escreve
 37 muito pouco você lê muito pouco, você não faz matemática,
 38 não faz nada você só faz um basicozinho só para saber
 39 escrever o seu nome e o nome do seu filho

Na sequência acima estamos conversando sobre o primeiro emprego de Marta. Pergunto sobre a sua primeira experiência de trabalho e quais sentimentos resultaram dessa experiência, (*e:: como foi o seu primeiro emprego, como você se sentiu, foi difícil?* – linhas 25-26). Motivada por minha indagação, a entrevistada, constrói uma narrativa não prototípica nas linhas 27 à 29, iniciada por um oração avaliativa, (*ah foi mu::ito difícil ...* – linha 27) . Ao começar seu relato ela utiliza a interjeição *ah* - essa escolha situa o interlocutor quanto à prosódia da fala, interpretada por mim como característica para expressar tristeza e insatisfação em relação ao tema abordado. Em seguida, ela se apropria do adjetivo *difícil* (linha 26) introduzido por mim, precedido pelo *mu::ito* (linha 27). É preciso chamar atenção para o uso de um dos mecanismos internos de avaliação: o alongamento. Este recurso amplia a carga semântica da palavra, que neste caso já imprime alto grau de intensidade. Assim, com o uso combinado dos vocábulos com o alongamento e a pausa antes da próxima oração, Marta constrói sua atividade com sofrimento, expressando extrema dificuldade ao desempenhar as tarefas do primeiro emprego.

Na sequência a narradora apresenta uma série de justificativas, primeiramente o porquê de tamanha dificuldade de seu trabalho, (*foi assim porque eu tive que procurar limpeza* – linhas 27-28). Em nossa sociedade, alguns trabalhos desempenhados pelas classes trabalhadoras pobres são explicitamente desprestigiados, e os trabalhos manuais relacionados à limpeza são exemplo disso.

Marta então argumenta que seu primeiro emprego foi extremamente difícil porque o trabalho foi como auxiliar de serviços gerais (informação dada no curso da entrevista e sistematizada no item 4.2). O uso do verbo *ter* em *tive que procurar limpeza* (linhas 27-28) sugere que seu emprego na limpeza não foi uma escolha e sim uma necessidade, porém, precisamente no caso da entrevistada, tal opção se deu por falta de alternativas, o que pode ser observado em sua segunda justificativa, *porque eu parei os estudos* (linha 28). A oração de Marta evidencia que por ter interrompido seus estudos não teria oportunidade em algum emprego que seja socialmente considerado como bom.

Apesar de haver alguns cursos de capacitação para empregadas domésticas, faxineiras etc. - especialmente em razão da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) n° 66/2012, que dá novos direitos às empregadas domésticas (homologado após as entrevistas) – as tarefas dessas atividades não necessitam de formação técnica ou acadêmica. O conhecimento dessas atividades é passado por gerações na família objetivando cuidados com a casa. Dessa forma, muitas pessoas, em sua maioria mulheres, com baixa escolaridade recorrem a esse trabalho remunerado quando há necessidade financeira.

A terceira e última justificativa responde à pergunta implícita: *Mas por que você parou de estudar? parei de estudar porque eu engravidei com dezesseis anos* (linhas 28 e 29). O estudo foi sacrificado aos 16 anos por conta de uma gravidez não planejada. Por algum motivo, que Marta não torna relevante em sua fala, ela não conseguiu conciliar a gestação e os cuidados com uma criança e os estudos.

Assim, a entrevistada constrói uma breve sequência apresentando em forma de retrospectiva, o ciclo de causas e consequências constitutivo de sua história de vida. Dessa forma, a gestação não planejada é consequência de uma criação sem orientações (como vimos na seção anterior); o abandono aos estudos como consequência de estar grávida e seu emprego como auxiliar de serviços gerais como a última instância das situações anteriores. Considero importante ressaltar que, ao perguntar sobre sua experiência de primeiro emprego, esperava que Marta narrasse algumas de suas atividades e assim construísse o porquê para ela desempenhar tais atividades era difícil. No entanto, em nenhum momento, no trecho apresentado, ela o faz, apenas justifica sua procura por empregos *na limpeza*.

Na sequência abaixo, apresento mais uma fala sobre a relação entre trabalho e o estado gestacional, mas, nesse caso, ao contrário da entrevistada anterior, Sônia, que possui o Ensino Médio completo, opta por não trabalhar para cuidar da filha. Melhor dizendo, enquanto para Marta o fato de estar grávida altera o curso de sua vida escolar e a obriga a trabalhar para sustentar seu filho, Sônia depois do nascimento da filha interrompe sua experiência de trabalho formal para dedicar-se a criação da criança.

Sequência 5: “eu saí dessa empresa porque eu engravidei”

- | | | |
|----|-------|--|
| 6 | Luane | obrigada. eu queria que você me contasse com que e como foi o seu |
| 7 | | primeiro emprego. |
| 8 | Sônia | olha o meu primeiro emprego, é: foi há mais ou menos aos haha aos |
| 9 | | vinte e dois anos atrás. tá? eu trabalhava como auxiliar de escritório |
| 10 | | numa empresa. numa empresa pequena. mas aí de auxiliar de |
| 11 | | escritório. lá nessa empresa, eu fiquei quatro anos. aí depois... eu saí |
| 12 | | dessa empresa porque eu engravidei, aí tive a minha filha. mas eu |
| 13 | | não quis mais, é: tive auxílio, é: fiquei em casa com ela. aí não quis |
| 14 | | mais retornar e pedi demissão... desse emprego. aí fiquei um tempo |
| 15 | | parada aí depois eu trabalhei <u>doze</u> anos de cobradora num coletivo |
| 16 | | de ônibus. fiquei doze anos trabalhando... aí...pedi que eles me...é |
| 17 | | que eu tava ficando muito cansada aí pedi pra eles me mandarem |
| 18 | | embora aí fiz um acordo com eles, eles me dispensaram. aí já |
| 19 | | trabalhei no ((supermercado)) como operadora de caixa...tendeu? é |
| | | também saí. |

Na sequência acima, tendo como ponto responder minha pergunta, Sônia constrói uma narrativa canônica. Seu primeiro enunciado (*olha o meu primeiro emprego* - linha 8) é o que poderíamos chamar de resumo, que informa o interlocutor sobre o tema. Por nossa interação ser uma entrevista, ao enunciar sua fala de tal maneira a entrevistada ainda indica que irá responder o que foi perguntado por mim. Em seguida ela fornece informações sobre o tempo do evento narrado (*é: foi há mais ou menos aos hh aos vinte e dois anos atrás. tá?* – linhas 8 e 9). Na ação complicadora (*eu trabalhava como auxiliar de escritório numa empresa.* - linhas 9 e 10) a história que eu queria ouvir é parcialmente contada, pois Sônia torna relevante narrar apenas com o que foi seu primeiro emprego: *auxiliar de escritório*. O elemento seguinte é uma avaliação sobre o porte da empresa (*numa empresa pequena* - linha 10). Considero importante observar que na sequência do enunciado a entrevistada repete qual era sua função nessa empresa (*mas aí de auxiliar de escritório* - linha 10). No curso da entrevista,

Sônia narra que atualmente trabalha como líder das auxiliares de limpeza, hierarquicamente um nível abaixo da encarregada e um acima das auxiliares. Assim, sua função, agora em uma empresa de grande porte, é de certa forma considerada pequena, pois ela auxilia sua superiora no que for preciso, inclusive atuando na limpeza quando há necessidade. Entendo então que a combinação da avaliação da empresa e da repetição da função de trabalho sugere a intenção da narradora em construir seu primeiro emprego como mais importante que o atual, apesar de ser em uma empresa pequena.

A entrevistada prossegue em seu relato fazendo mais uma orientação em relação a esse emprego, desta vez sobre o seu tempo de permanência na empresa (*lá nessa empresa, eu fiquei quatro anos* – linhas 10 - 11). E em seguida apresenta uma sequência de orações explicando o motivo de ter trabalhado apenas por esse período, (*ai depois... eu saí dessa empresa porque eu engravidei, ai tive a minha filha. mas eu não quis mais, é: tive auxílio, é: fiquei em casa com ela. ai não quis mais retornar e pedi demissão... desse emprego.* – linhas 11-14). Sônia sacrificou seu emprego para se dedicar à criação de sua filha; no entanto, ela não constrói o pedido de demissão como um sacrifício, mas sim uma escolha. A narradora escolheu priorizar seu papel de mãe diante de qualquer outra função.

Das linhas 14 a 19, Sônia narra sua trajetória de trabalho após o período que destinou exclusivamente à criação de suas filhas, apresentando outras funções com que trabalhou. Conforme Sarti (2003), a renda fruto do trabalho das mulheres, apesar de importante para a economia familiar, é considerada complementar. Para Sônia essa característica de sua renda possibilitou a ela poder optar por trabalhar ou não no início de sua experiência com a maternidade.

Considero importante salientar que sua narrativa sobre o primeiro emprego e interrupção do mesmo é construída sem marcas de sofrimento e conformidade. Muito provavelmente, a diferença discursiva e de prosódia do relato, em relação às demais entrevistadas, se dê por seu trabalho (*auxiliar de escritório* – linha 9) ser mais prestigiado socialmente e pela retirada do mercado de trabalho ter sido construída como uma opção e não uma obrigação ou falta de alternativa.

Nesta seção apresentei dois episódios narrativos nos quais as experiências de trabalho (mesmo sendo opostas) estão fortemente ligadas à maternidade, desde o período da gravidez. Transformando a vida dessas mulheres através das escolhas feitas ao priorizarem seu papel de mãe; na qual Marta para de estudar e se vê

obrigada a trabalhar, enquanto Sônia opta por não trabalhar. Na próxima subseção, os trechos selecionados serão analisados a partir da temática da maternidade como uma esperança de uma vida melhor, muitas vezes projetada na felicidade e no trabalho dos filhos. São mulheres que constroem seus relatos como mães provedoras do sustento e do sucesso de seus filhos.

5.2.2 A força da mãe provedora

Na expectativa de proporcionar uma vida melhor para seus filhos, a mãe provedora trabalha para sustentar sua prole e para poder incentivar financeiramente a ascensão social dessa(s) criança(s), através da educação.

Sequência 6: “eu quero fazer o máximo pra elas termina, os estudos”

16 Ellen entendeu né igual falei pra você né que ela tinha me pedido um all
17 star mamãe comprou tá lá guardadinho pra levar pra ela
18 Luane vai levar hoje mesmo?
19 Ellen vou levar tá é que eu vim do: da loja comprei tá aqui comigo
20 entendeu e assim eu pretendo que: sabe que elas estudem, façam
21 uma faculdade, que uma seja médica, que uma fale assim “mãe sou
22 adevoga:da”, eu vou ficar feliz. entendeu?
23 Luane é mais () tem que ver o que que elas vão querer
24 Ellen aí:: eu tô falando o que eu::
25 Luane o que você queria pra elas
26 Ellen o que eu queria pra elas, mas também se elas falarem pra mim não,
27 mas eu pelo menos eu quero fazer o máximo pra elas termina, os
28 estudos, fazer um curso, fazer uma faculdade. que elas não:, eu não
29 quero as minhas filha fica limpando chão sendo humiLHAda,
30 piSAda, entendeu que:: (.) que elas tenha a vida dela não dependa
31 de ninguém por que °no momento eu to na casa dos outros° você
32 sabe que ficar na casa dos outros é ruim, é complicado, um dia a
33 pessoa tá bem outro dia a pessoa tá mal então é sempre bom você
34 ter o seu cantinho, eu não quero que as minhas filhas passem que
35 eu estou passando, entendeu? que não dependam só de mim que
36 elas sejam independentes delas mesmas por que um dia eu vou
37 partir eu to fazendo a minha parte () sabe que a gente está aqui
38 como uma passagem mas quando deus achar, falar ellen chegou a
39 sua hora. vamos embora, entendeu? então eu quero assim que
40 minhas filhas tenham orgulho de mim por que eu acho que eu sou
41 uma: super mãe. porque eu sou muito carinhosa acho que porque
42 eu não tive carinho, da minha mãe, então: eu dou aquilo que eu não
43 recebi que eu passo pra minhas filhas.

No episódio narrativo apresentado acima, Ellen falava, a partir de minhas perguntas, sobre o futuro que almeja para suas filhas em relação à educação e ao trabalho. Nas linhas 20 a 22 ela constrói um discurso valorativo da educação, enfatizando o ensino universitário como meio de ter uma profissão, (*sabe que elas estudem, façam uma faculdade, que uma seja médica, que uma fale assim “mãe sou adevoga:da”, eu vou ficar feliz.*). Apesar de não interpretar esses enunciados como uma narrativa, e sim como um relato de uma mãe sobre seus sonhos com uma vida melhor para as filhas, os analiso com o olhar narrativo (Bastos, 2012) e entendo que a entrevistada torna relevante construir-se dessa forma, especialmente pelo fato de trabalhar e estar sendo entrevistada em uma universidade e por alguém que pertence a esse meio. Ressalto também a escolha de duas das profissões mais prestigiadas e valorizadas na sociedade brasileira, recebendo até mesmo o título de doutores, para o futuro profissional de sua prole. Acredito ser extremamente representativo uma mulher pobre, que exerce uma função desvalorizada pela sociedade, desejar a valorização profissional e consequentemente pessoal para as filhas. O uso da fala relatada com o termo que designa a profissão prolongada intensifica a vontade de que esse sonho se realize (“*mãe sou adevoga:da*” – linhas 21 e 22), o que resultaria em felicidade, (*eu vou ficar feliz* – linha 22).

No processo de coconstrução de sentidos, expressei minha opinião sobre a importância da escolha da profissão a partir das filhas e não da mãe. Motivada por meu comentário, Ellen apresenta, nas linhas 26 a 43, três episódios que constroem sua identidade de mãe provedora, esforçada, carinhosa e zelosa. No primeiro, nas linhas 26 a 29, ela apresenta uma narrativa hipotética com argumentos para desejar um futuro digno para as filhas, (*o que eu queria pra elas, mas também se elas falarem pra mim não, mas eu pelo menos eu quero fazer o máximo pra elas termina, os estudos, fazer um curso, fazer uma faculdade. que elas não:, eu não quero as minhas filha fica limpando chão sendo humilhada, piçada, entendeu que:*). Sua construção reflete a consciência de que a escolha da profissão cabe às filhas, no entanto ela inicia informando que sua fala indica o que ela quer para as filhas. Na oração, *eu quero fazer o máximo*, o uso da palavra *máximo* com ênfase na sílaba tônica intensifica a construção de Ellen como uma mãe que não medirá

esforços para que suas filhas completem o ensino base, façam cursos e se formem em uma universidade, ou seja, que elas percorram as etapas da educação para ascender socialmente, realidade bem diferente do seu presente.

O trabalho de Oliveira (2012) argumenta o quanto é valorizado pelas camadas menos abastadas da sociedade a educação como meio de ascensão social e consequente oportunidade para *melhorar a vida*. A entrevistada apresenta-se como alguém que valoriza a educação institucional e que está disposta a investir para que suas filhas tenham um futuro diferente.

Ellen descreve o que não quer que suas filhas passem ao desempenharem uma atividade de trabalho: *eu não quero as minhas filha fica limpando chão sendo humilhada, pisada, entendeu que:* (linhas 28-29), No entanto, ao fazê-lo nessa oração ela descreve também a atividade principal que caracteriza seu emprego; a limpeza do chão. Através dessa fala ela mostra igualmente a desvalorização que é atribuída e que atribui ao seu trabalho. E assim, é possível perceber que ela na verdade está narrando o sofrimento que passa diariamente em seu trabalho desvalorizado. A ênfase dada às palavras chão, humilhada, pisada imprime mais força ao valor semântico desses vocábulos e reforça a construção que entrevistada faz de si como sofredora: humilhada e rebaixada no trabalho e, como consequência, na sociedade.

O segundo episódio é construído em torno do sonho da casa própria. Sarti (2003) apresenta em seu trabalho que a casa ocupa lugar importante para o pobre no ideal de *melhorar de vida*. É o local onde acontecem as demais realizações desse projeto e que se constitui uma família. Ellen atualmente não tem casa própria e por isso está morando de favor na casa de outra pessoa com as duas filhas. Essa situação é muito difícil para ela, (*you sabe que ficar na casa dos outros é ruim, é complicado, um dia a pessoa tá bem, outro dia a pessoa tá mal então* – linhas 31-33) e como Ellen tem se construído como uma mãe que quer sempre o melhor para seus filhos, a partir dessa outra experiência de sofrimento, ela quer que suas filhas jamais passem por isso e que sejam independentes, (*que elas tenha a vida dela não dependa de ninguém* – linhas 30-31; *é sempre bom você ter o seu cantinho, eu não quero que as minhas filhas passem que eu estou passando, entendeu? que não dependam só de mim que elas sejam independentes delas mesmas* – linhas 33-36). Mais uma vez Ellen utiliza mecanismos

avaliativos que intensificam a construção identitária e de sentidos que está sendo feita.

No terceiro e último episódio, outra narrativa hipotética, Ellen utiliza a fala reportada para apresentar sua conversa com Deus. Ela constrói-se como alguém consciente da condição efêmera da vida humana e, ao mesmo tempo, uma pessoa com orientação religiosa, que concebe a morte como uma partida, um deslocamento pra outro lugar (*por que um dia eu vou partir eu tô fazendo a minha parte () sabe que a gente está aqui como uma passagem, mas quando deus achar, falar “ellen chegou a sua hora”. vamos embora, entendeu?* – linhas 36-39). Na incerteza de quando será o dia da partida, ela argumenta estar fazendo a sua parte para que suas filhas não fiquem desamparadas, mas sim independentes.

Considero importante destacar que em todos os três episódios: seu trabalho e o futuro das filhas; o sonho da casa própria e sua morte estão enraizados no almejado projeto de se esforçar para que as filhas tenham um futuro melhor que seu presente, construído por ela como sofrido, pessoal e profissionalmente.

Retomando as conclusões do trabalho de Sarti (2003), os filhos são o maior investimento financeiro e emocional dos pais. Neles são depositados seus sonhos e hipotéticas realizações, assim como é esperado algum tipo de reconhecimento e retribuição pelos anos de dedicação e sacrifício. Ellen espera que suas filhas se orgulhem dela por todos os sacrifícios que ela se compromete a fazer (na interação) para que suas filhas tenham uma vida melhor e também pelas características positivas que se atribui, (*então eu quero assim que minhas filhas tenham orgulho de mim por que eu acho que eu sou uma: supermãe. porque eu sou muito carinhosa* – linhas 39-41). O uso de ênfases tem sido característico nos enunciados de Ellen como recurso discursivo-performático, ora para reforçar aspectos negativos, ora positivos. Usando os vocábulos *supermãe* e *carinhosa* ela se constrói como uma mãe perfeita que além de só pensar no melhor (no aspecto material) para as filhas e se comprometer a agir para que isso se concretize, ela também supre as necessidades emotivas e sentimentais. Essas últimas características são ainda mais enaltecidas quando ela se avalia utilizando mecanismos externos explicando seu comportamento pela ausência. Em outros termos, mesmo não tendo recebido carinhos maternos ela, instintivamente, os dá a sua prole, (*acho que porque eu não tive carinho, da minha mãe, então: eu dou aquilo que eu não recebi que eu passo pra minhas filhas.* – linhas 41-43).

Na próxima sequência, Ellen narra que, para além de uma esperança, suas filhas são concretamente o motivo de uma vida melhor. Como já analisado anteriormente, Ellen constrói sua história de vida com muitos dramas e sofrimentos, dentre esses o momento em que foi expulsa de casa pela mãe e passa a morar e a viver os perigos da rua são os mais marcantes. No tempo cronológico da interação esse trecho foi coconstruído anteriormente à revelação de seu drama, no entanto algumas marcas discursivas sugerem proximidade entre a entrevistada e os personagens relatados.

Sequência 7: “se eu não tivesse as minhas filhas eu acho que eu estaria no mundo”

- | | | |
|----|-------|--|
| 04 | Luane | <u>não é</u> : e é só um pouquinho né? |
| 05 | Ellen | só um pouquinho, né mas: (.) tirando isso () tipo assim eu:: as |
| 06 | | minhas filhas elas me dão <u>força</u> , pelas minhas filhas acho que eu |
| 07 | | não estaria aqui não estaria <u>trabalhando</u> : sabe porque:: |
| 08 | Luane | você acha que estaria fazendo o que? |
| 09 | Ellen | olha acho que se eu não tivesse as minhas filhas eu acho que eu |
| 10 | | estaria no mundo. no mundo que eu falo assim usando drogas |
| 11 | | igual muitas que não têm que muitas pessoas estão na droga |
| 12 | | porque não tem o carinho da <u>mãe</u> não tem uma <u>atenção</u> tá lá |
| 13 | | porque mãe bota pra fora de casa você sabe que isso acontece eu |
| 14 | | vejo televisão se você for na central o que mais você vê é () de |
| 15 | | dezesseis dezessete dezoito <u>catorze</u> <u>treze</u> entendeu mas a gente |
| 16 | | não sabe porquê estão ali só qu:e se for saber o porquê você tá ali |
| 17 | | entendeu <u>então</u> eu acho que se eu não tivesse as minhas duas |
| 18 | | filha eu estaria na droga mas graças a deus não uso droga não uso |
| 19 | | não faço essas coisas não fumo eu odeio a única coisa que eu |
| 20 | | fase isso é normal de todo é <tomar uma cervejinha que todo |
| 21 | | mundo gosta [né] > |

Nesse momento conversávamos sobre as dificuldades da vida atual de Ellen, como o sofrimento no trabalho e a moradia de favor. Diante desse sofrimento ela atribui o fato de suportar os obstáculos às suas filhas, (*minhas filhas elas me dão força, pelas minhas filhas acho que eu não estaria aqui não estaria trabalhando: sabe porque::* – linhas 5 e 7).

O fragmento apresentado acima não é uma narrativa canônica, no entanto Ellen constrói sua experiência através de uma sequencialidade hipotética sobre a importância da maternidade em sua vida que considero pertinente analisá-la aqui através de uma perspectiva narrativa (Bastos, 2012). Ellen ao construir uma relação entre à maternidade, o trabalho e as drogas eleva o valor e o sentido

estabelecido por ela a sua identidade de mãe, *(olha acho que se eu não tivesse as minhas filhas eu acho que eu estaria no mundo. no mundo que eu falo assim usando drogas – linhas 9-10)*. Ela atribui sua vida e sua identidade de trabalhadora as suas filhas, relatando claramente a hipótese de que se não fosse mãe teria um presente marcado pelos infortúnios do vício. Reforçando a tese de que é na família que são construídos os valores morais do mundo social, nos quais a ordem moral se sobrepõe a ordem legal (Sarti, 2003). Especificamente pra ela, é na maternidade, na figura de suas filhas que ela encontra forças não somente para desempenhar o trabalho humilhante, mas também para resistir às tentações de uma vida desregrada.

Ellen, em seu relato, avalia o consumo de drogas ilícitas por parte de algumas pessoas como consequência da ausência da figura materna em suas vidas *(igual muitas que não têm que muitas pessoas estão na droga porque não tem o carinho da mãe não têm uma atenção – linhas 11 e 12)*, ou ainda por terem sido expulsas de casa pela mãe, *(tá lá porque mãe bota para fora de casa você sabe que isso acontece eu vejo televisão se você for na central o que mais você vê é () de dezesseis dezessete dezoito catorze treze entendeu mas a gente não sabe porquê estão ali só qu:e se for saber o porquê você tá ali entendeu – linhas 12 a 17)*. Dessa forma, ela constrói o papel da mãe como responsável não somente pela formação de um adolescente, adulto estruturado, como, também, pela manutenção dos problemas sociais, pois, caso esse papel não seja (bem) desempenhado, o reflexo dessa ausência influencia na sociedade.

É na e pela família que também a mulher quando assumem papel de provedor, suporta a dureza e a humilhação para cumprir seus papéis. Assim, Ellen e Marta suportam as adversidades do trabalho e da vida para garantir o sustento de suas filhas. Sônia também se sacrificou por suas filhas, mas teve uma estrutura familiar que a permitiu sair do emprego e dedicar-se a criação das crianças por um tempo. Independente da forma de sacrifício fica evidente que as construções identitárias positivas na vida e no trabalho dessas mulheres somente são ratificadas em função da identidade de mãe.